

Apoio financeiro do Banco do Brasil para o desenvolvimento do processo logístico interno da soja

AUTORES

LUCIEL HENRIQUE DE OLIVEIRA

Faculdade Cenecista de Varginha - MG
luciel@uol.com.br

NAIANA GUIMARÃES SOUZA E SILVA

Universidade Presbiteriana Mackenzie
naianaguimaraes@terra.com.br

TATIANA LOPES BARBOSA

Universidade Presbiteriana Mackenzie
tatianalb@ig.com.br

Resumo – Este estudo teve como objetivo descrever e analisar a cadeia produtiva da soja no Brasil, desde sua produção até sua comercialização e exportação, focando o apoio financeiro do Governo Federal através do Banco do Brasil. É um estudo exploratório e qualitativo, baseado em dados secundários e em pesquisa de campo, com entrevistas com Gerentes do Banco do Brasil, produtores, e cooperativas de soja. Foi possível identificar que o Banco do Brasil oferece vários tipos de financiamento específicos para cada tipo de operação, mas que a falta de informação por parte dos produtores e das cooperativas, e mesmo por parte de alguns funcionários do Banco do Brasil, faz com que muitos incentivos fiquem esquecidos e não sejam aproveitados para impulsionar o agronegócio da soja.

Abstract – This study has the aim to describe and to analyze the productive chain of the soy in Brazil, since its production until its commercialization and exportation, under the point of view of the financial support of the Federal Government through the Banco do Brasil. It is an exploratory and qualitative study, based in secondary data and research of field, with interviews with controllers of the bank, producers, and cooperatives of soy. It was possible to identify that Banco do Brasil offers some specific types of financing for each type of operation, but that the lack of information on the part of the producers and the cooperatives, and same on the part of some employees of the Bank of Brazil, makes with that many incentives are forgotten and they are not used to advantage to stimulate the soy business.

1. Introdução

Estudou-se o desenvolvimento do processo logístico interno da soja focado no apoio financeiro do Banco do Brasil a toda cadeia produtiva do agronegócio da soja desde sua produção até sua comercialização. A produção de soja, no Brasil, ganhou, nos últimos 20 anos, espaço no centro das decisões econômicas, não só pela excepcional opção de cultivo, como também pela importância atribuída a esta mercadoria na pauta de exportações. O Brasil vem se destacando, ano a ano, entre os principais produtores mundiais de soja, impulsionado pelo forte aquecimento da demanda mundial que, conjugada ao descompasso da oferta, eleva os preços desta *commodity*.

O volume nacional produzido na safra vem sendo muito alto, e eleva-se anualmente. Alia-se a esse fator a vantagem de que a possibilidade de expansão produtiva mundial está quase toda no

Brasil, em termos topográficos, meteorológicos, de disponibilidade de terras e tecnológicos, que propiciam o cultivo em larga escala, tendência mundial na produção de grãos. O processo logístico da soja influencia significativamente no preço final do produto, interferindo na concorrência, tornando-se um importante diferencial na definição do preço e na escolha dos consumidores. Quanto mais eficiente o sistema de transporte menor são os custos das mercadorias que o Brasil coloca no mercado internacional.

O papel dos bancos é auxiliar o produtor no processo de produção, escoamento, comercialização e exportação incentivando-as para que seja possível arrecadar mais divisas para o mercado nacional. Essas instituições são de grande importância na vida do produtor/exportador de soja, pois são responsáveis pelos financiamentos de crédito às exportações, e atuam desde o financiamento do produtor rural até a liquidação da operação de exportação.

O Banco do Brasil é muito importante na área de financiamento, pois segundo Dalto e Saliby (2004) “o Banco do Brasil representa a parte mais significativa dos financiamentos, e o que mais fornece incentivos as exportações de soja”.

O estudo partiu dos seguintes problemas de pesquisa: Qual o papel do Banco do Brasil no apoio financeiro à produção, escoamento e comercialização da soja? Como o Banco do Brasil auxilia cada elo da cadeia logística interna da soja? Como este apoio é utilizado, quais oportunidades são geradas e quais as tendências são percebidas pelos participantes da cadeia?

O objetivo geral do estudo foi a descrever as realidades, oportunidades e tendências do processo logístico da cadeia interna do agronegócio da soja destacando sua produção, como é feito seu escoamento atualmente e sua comercialização, observando a relevância do Governo Federal através do Banco do Brasil como financiador, impulsionador e cooperador dentro desta cadeia produtiva. Para isto, foram considerados os seguintes objetivos específicos:

- a) Descrever o processo logístico e financeiro de produção e comercialização do agronegócio da soja;
- b) Analisar o desenho da cadeia produtiva da soja ;
- c) Apresentar e analisar as barreiras e dificuldades encontradas pelo produtor ao escoar e comercializar sua produção;
- d) Apresentar as possíveis alternativas de financiamento do Banco do Brasil ao produtor de soja.

2. Referencial Teórico

2.1. Panorama do agronegócio da soja

O volume nacional produzido na safra vem sendo muito alto, e eleva-se anualmente. Alia-se a esse fator a vantagem de que a possibilidade de expansão produtiva mundial está quase toda no Brasil, em termos topográficos, meteorológicos, de disponibilidade de terras e tecnológicos, que propiciam o cultivo em larga escala, tendência mundial na produção de grãos.

O processo logístico da soja influencia significativamente no preço final do produto, interferindo na concorrência, tornando-se um importante diferencial na definição do preço e na escolha dos consumidores. Quanto mais eficiente o sistema de transporte menor são os custos das mercadorias que o Brasil coloca no mercado internacional.

O papel dos bancos é auxiliar o produtor no processo de produção, escoamento, comercialização e exportação incentivando-as para que seja possível arrecadar mais divisas para o mercado nacional. Essas instituições são de grande importância na vida do produtor/exportador de

soja, pois são responsáveis pelos financiamentos de crédito às exportações, e atuam desde o financiamento do produtor rural até a liquidação da operação de exportação.

Nas últimas três décadas, o cultivo da soja tornou-se grande e muito relevante para o agronegócio e para a economia nacional. Esse crescimento foi tão significativo, que hoje o complexo soja é o segundo item mais exportado da balança comercial brasileira, representando um total de 12,6% na pauta das exportações brasileiras (MDIC, 2004). O país é hoje líder mundial na exportação do complexo soja, atingindo o seu recorde na safra de 2002/03 com 20,4 milhões de toneladas de soja em grão (que corresponde a 56% do complexo, que compreende soja em grãos, farelo e óleo), 13,75 milhões de farelo (38%) e 2,25 milhões de óleo (6%), compondo um total de 36,3 milhões de toneladas exportadas, que representa um acréscimo de 21% sobre as exportações da safra anterior, superando as exportações dos EUA, que registraram para o complexo soja 34,9 milhões (USDA apud Dalto e Saliby 2004).

De acordo com Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior – MDIC, o complexo soja ocupa hoje o segundo lugar entre os produtos brasileiros mais exportados entre os meses de janeiro à junho de 2004. Essa posição favorável na balança comercial contribui em grande escala no PIB nacional, fazendo com que o país, mesmo sendo líder mundial na exportação do complexo soja, permaneça na constante busca por novos mercados. Atingindo novos consumidores a imagem do produto melhora muito dentro e fora do território nacional, o que lhe proporciona maior possibilidade de relacionamentos externos, facilitando possíveis negociações futuras. O Brasil já mantém contato comercial com diversos países, dentre eles, o principal comprador da soja é a China.

Segundo estudo da Embrapa (2004), no ano de 2003 classificou-se como o segundo produtor mundial, e foi responsável por 52 das 194 milhões de toneladas produzidas em nível global ou 26,8% da safra mundial, e hoje ocupa a liderança nas exportações do setor em valor.

Nos últimos 10 anos a produtividade no Mato Grosso chegou a alcançar 3.050Kg por hectares no ano de 2000/01, caindo para 2.900kg em 2002/03, em consequência de problemas climáticos. No Paraná, a produtividade chegou em torno de 3.000kg no período de 2000/01 e 2001/02. A província de Córdoba (Argentina) vem elevando sua produtividade a cada ano, contudo não consegue ultrapassar a do Mato Grosso e Paraná, fato que acontece também com o estado de Illinois, nos Estados Unidos.

O mercado de soja no Brasil apresentou crescimento significativo a partir da década de 1970, tornando-se a principal cultura do agro-negócio brasileiro. De acordo com a Embrapa (2004), a colheita passou de 1,5 milhões de toneladas em 1970 para mais de 15 milhões de toneladas produzidas em 1979. Esse crescimento se deve, não apenas ao aumento da área cultivada, mas, também, ao expressivo incremento da produtividade, graças às novas tecnologias disponibilizadas aos produtores pela pesquisa brasileira. Mais de 80% do volume produzido na época ainda se concentrava nos três estados da Região Sul do Brasil.

Nas décadas de 1980 e 1990 repetiu-se, na região tropical do Brasil, o explosivo crescimento da produção ocorrido nas duas décadas anteriores na Região Sul. Em 1970, menos de 2% da produção nacional de soja era colhida no centro-oeste. Em 1980, esse percentual passou para 20%, em 1990 já era superior a 40% e em 2003 está próximo dos 60%, com tendências a ocupar maior espaço a cada nova safra. Essa transformação promoveu ao Estado do Mato Grosso, um grande desenvolvimento.

Hoje, pode-se dizer que esse crescimento foi impulsionado pelo forte aquecimento da demanda mundial que, conjugada com o descompasso da oferta, eleva os preços desta *commodity*. Alia-se a esse fator a vantagem de que a possibilidade de expansão produtiva mundial está quase toda no Brasil, em termos topográficos, meteorológicos, de disponibilidade de terras e tecnológicos,

que propiciam o cultivo em larga escala, tendência mundial na produção de grãos (EMBRAPA, 2004).

2.2. Competitividade do produtor de soja brasileiro

Muitos afirmam que o agricultor brasileiro é extremamente competitivo da “porteira para dentro” e os números da produtividade comparada dos três principais *players* confirmam essa informação, pois as produtividades em toneladas por hectare, para os Estados Unidos, Brasil e Argentina, nesta ordem, os maiores produtores mundiais, na safra de 2002/03, foram respectivamente de: 2,56; 2,85 e 2,82. Entre os elementos que propiciam essa posição de relevo na agricultura mundial, destacam-se o desenvolvimento de sementes adequadas a cada região, resistentes às doenças; o tratamento científico dos solos; o sistema inovador de plantio direto que consiste na técnica de plantar, sem utilização das operações usuais de gradagem e aração, sobre os restos de uma cultura anterior, que fazem a cobertura do solo, evitando o seu ressecamento e a evaporação de nutrientes; e a intensa mecanização da lavoura (PAULA e FAVERET, 2000, p.1).

As deficiências no sistema de armazenagem obrigam o produtor a vender quase a totalidade de sua safra no momento da colheita, quando os preços são mais baixos e os fretes mais elevados; a restrição nas opções de compradores, devido a uma visão do negócio muito regionalizada, sem contemplar a possibilidade de exportação direta; as dificuldades da operacionalização logística; o elevado custo de escoamento, devido à escassez de modais mais baratos, condições inadequadas de estradas, custos elevados de terminais portuários; o desconhecimento dos mecanismos de proteção de preço em mercado futuro; as elevadas taxas de desconto cobradas pelos mecanismos de antecipação da venda para custeio da lavoura; a escassa ou ineficiente assistência de cooperativas em algumas regiões produtoras, entre outros problemas; fazem com que o produtor perca boa parte da competitividade alcançada no sistema de produção.

Assim fica claro perceber que apesar de todas as condições favoráveis para a competitividade da soja brasileira, esse mercado apresenta grandes dificuldades no momento da comercialização devido às grandes barreiras e dificuldades apresentadas ao produtor. Apesar das grandes barreiras na comercialização foi possível observar algumas das causas que incentivaram a expansão da soja no Brasil.

Segundo análise da EMBRAPA (2004) dentre aqueles que contribuíram para seu rápido estabelecimento na Região Sul, pode-se destacar: semelhança do ecossistema do sul do Brasil com aquele predominante no sul dos EUA; incentivos fiscais disponibilizados aos produtores de trigo nos anos 1950, 1960 e 1970; mercado internacional em alta; substituição das gorduras animais (banha e manteiga) por óleos vegetais; facilidades de mecanização total da cultura; surgimento de um sistema cooperativista dinâmico e eficiente; processo de melhorias nos sistemas viário, portuário e de comunicação.

Com relação à região central do Brasil, considerada a nova e principal fronteira da soja, podemos destacar as seguintes causas para explicar o espetacular crescimento da sua produção como a construção de Brasília na região; topografia altamente favorável à mecanização; boas condições físicas dos solos da região; processo de melhorias no sistema de transporte da produção regional; bom nível econômico e tecnológico dos produtores de soja da região; regime pluviométrico da região altamente favorável aos cultivos de verão.

2.3. Processo Logístico: conceitos e definições

Segundo Wood & Zuffo (1998), logística é o processo de planejar, implementar e controlar eficientemente, ao custo correto, o fluxo e armazenagem de matérias-primas, estoques durante a produção e produtos de consumo, com o propósito de atender aos requisitos do cliente.

Para Ballou (1993), a logística consiste na idéia de fluxo, movimento de materiais e informações, ao longo da cadeia de suprimentos, com a finalidade de proporcionar entrega de valor ao cliente final, atendendo às suas necessidades. A gestão logística cuida da movimentação geral dos produtos, que se dá pelas três áreas: suprimento, apoio à produção e distribuição física, enfrentando os problemas decorrentes da distância que separa clientes e fornecedores. Ocupa-se da resolução de problemas quanto a tempo, espaço e custo, referentes à comunicação entre as empresas e movimentação e transporte de materiais e produtos.

O objetivo essencial da logística é o de evitar as rupturas de suprimento de diferentes produtos nos pontos-de-venda, assim como o de evitar abarrotamento de materiais/produtos nos agentes de toda a cadeia de suprimento. Os custos logísticos têm grande influência nos custos de produção, tanto na indústria de alimentos, quanto na produção agrícola. Assim, a logística agroindustrial busca um sistema que permita, ao menor custo possível, dispor dos produtos no momento e na quantidade adequados, em diferentes lugares, orientando-se para um funcionamento com estoque mínimo necessário para o atendimento às necessidades e com maior tempo de vida útil do produto, quando da transferência entre os agentes da cadeia de suprimento.

O processo logístico não funciona sem uma infra-estrutura adequada. Para Azevedo (2001), o estado assume o papel de provedor da infra-estrutura de transportes, sendo, responsável por um componente relevante do custo das empresas. Em um contexto de comércio internacional, essa infra-estrutura é especialmente relevante, pois determina os custos com que as mercadorias brasileiras chegam ao mercado externo. Quanto mais eficiente o sistema de transporte, menor são os custos das mercadorias que o Brasil coloca no mercado internacional. Em outras palavras, o sistema de transportes é um fator de competitividade no mercado internacional, substituindo estratégias tradicionais e repletas de conseqüências negativas, como a desvalorização cambial.

Segundo Ferreira (1999, p. 1110) “infra-estrutura é a estrutura básica, material ou econômica, de um sistema na sociedade ou de uma organização. Numa cidade é o conjunto das instalações necessárias às atividades humanas”.

2.4. Caracterização da Cadeia produtiva de soja

Os principais segmentos que podem ser destacados são: (A) a Indústria de insumos agrícolas; (B) a produção; (C) os originadores; (D) A Indústria esmagadora, refinadoras e produtores de derivados de óleo; (E) os distribuidores; (F) os consumidores finais; e (G) os compradores industriais externos.

A indústria de insumos agrícolas (A) é o início da cadeia. É necessário a existência dos fornecedores de insumos para a produção de grãos. A indústria de insumos relaciona-se diretamente com a produção agrícola e é representada pelas indústrias de fertilizantes, sementes, defensivos, herbicidas, máquinas e equipamentos. A produção (B), dentro da porteira, é o processo de transformação, que relaciona-se com a indústria de insumos, e com as indústrias esmagadoras, as *tradings*, as cooperativas e outros intermediários. Os originadores (C) descrevem o contato das *tradings*, cooperativas, corretoras e armazenadores com produtores no processo de aquisição, armazenagem e distribuição de matérias-primas. O estágio de originação encontra-se verticalmente integrado ao de esmagamento. As *tradings* atuam coordenando a transferência física de produtos para o mercado internacional. Elas transacionam com produtores/ cooperativa de forma a adquirir matéria-prima e fazem a venda desta para o mercado externo, podendo atuar também como prestadora de serviços para as indústrias esmagadoras e as cooperativas nas suas vendas internacionais, embora muitas organizações apresentem departamentos internos que fazem esses tipos de serviço. As corretoras e os armazenadores são prestadores de serviços a indústrias esmagadoras e até mesmo *tradings* na formação de lotes de matéria-prima para venda, originários do

segmento produtivo. Também existem originadores que são produtores e conseguem coordenar grandes volumes de produção.

O segmento da indústria esmagadora, refinadoras e produtores de derivados de óleo (D) parte do farelo de soja produzido, e que pode ser exportada pela indústria, por meio das *tradings* ou diretamente pela indústria. No mercado interno o farelo é vendido para a indústria de rações que é integrado, muitas vezes, pela indústria de carne ou processadora de soja. No caso do óleo de soja, ele pode ser transformado por meio de hidrogenação em produtos mais elaborados, como margarina ou maionese, e vendidos no mercado interno. No caso das indústrias que apresentam internamente todos esse estágios, a transação com o segmento de derivados de óleo ocorre internamente. Os produtos processados podem, também, ser direcionados a outras indústrias, como é o caso da indústria de alimentos em geral, indústria química, indústria farmacêutica entre outras.

Os distribuidores (E) podem se atacadistas e varejistas e estão representados também em outras cadeias produtivas, fazendo a ponte entre a indústria esmagadora e de derivados de soja e os consumidores finais, recebendo outros produtos das indústrias de rações e carnes e de outras indústrias. Os consumidores finais (F) são os consumidores de derivados da soja como o óleo de soja, ração, do próprio grão e outros no mercado interno. Os compradores industriais externos (G) são aqueles que importam a soja em grão, para diversos fins, a partir de *tradings* e cooperativas.

A cadeia produtiva e seus segmentos sofre mudanças por meio dos impactos externos, dependendo se esta estrutura será destinada à exportação ou ao consumo interno; não se deve esquecer de considerar as variáveis externas da cadeia que são os órgãos regulamentadores que intervêm diretamente na cadeia produtiva, que são os Bancos, o Governo e a legislação.

Segundo Dalto e Saliby (2004) o Banco do Brasil representa a parte mais significativa dos financiamentos, e o que mais fornece incentivos às exportações de soja. Há também outros bancos como Itaú e Bradesco que também oferecem estes tipos de serviços. Qualquer banco comercial pode fazer financiamentos aos produtores, bem como os bancos estrangeiros, porém, o que mais se destaca nesta atividade é o Banco do Brasil. Segundo dados do Banco do Brasil (2003), existe a presença do banco em todos os elos da cadeia produtiva, participando desde o financiamento do produto rural até a liquidação da operação de exportação.

A dimensão governamental está relacionada com o conjunto de regulamentos, leis, impostos, assim como com a ambiência política, nas áreas político e organizacional do poder constituído. No caso das firmas agroalimentares, a influência governamental começa com as políticas de crédito rural, passa pela questão tributária e chega até os procedimentos de controle e inspeção federal e taxa de câmbio para exportação. A carga tributária doméstica é a principal preocupação da indústria agroalimentar no que diz respeito a sua capacidade de competir globalmente. (SILVA e BATALHA 2001).

Com relação á legislação, surgem as agências governamentais como secretarias estaduais e municipais de meio ambiente, Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Abastecimento e Ministério do Meio Ambiente, que foram criadas ou fortalecidas com o objetivo de tratar os problemas ambientais.

A Constituição de 1988 introduziu tratamento especial para os problemas ambientais. Por meio do artigo 225, passaram a ser exigidos, inclusive de empresas agropecuárias, os Estudos de Impacto Ambiental (EIAs), que devem contemplar: diagnóstico de área de influência, análise de impactos, definição de medidas mitigadoras e elaboração de programa de monitoramento e acompanhamento. Em 1991 surgiu uma lei que dispôs sobre a política agrícola e referiu-se claramente a questões ligadas à proteção do ambiente na atividade agrícola. Enquanto a lei nº 8.974, de 5-1-1995, dispõe sobre normas de segurança e mecanismos de fiscalização no uso de técnicas da engenharia genética.

Apesar do país ter uma legislação bastante restritiva quanto ao uso de agrotóxicos, sua capacitação técnica e administrativa é insuficiente para torná-la plenamente atendida, pelo fato dos laboratórios não serem suficientemente equipados para desenvolverem determinados tipos de testes. Em razão desta legislação, a indústria de pesticidas tem lançado novos e, supostamente, menos nocivos produtos no mercado, juntamente com campanhas para racionalizar o uso de pesticidas.

As principais empresas processadoras e comercializadoras de soja são Archer Daniels Midland - ADM Internacional, Bunge e Cargill.

Conforme o portal corporativo da ADM Internacional (www.admi.com.br), há quase um século, a Archer Daniels Midland - ADM iniciava suas atividades em Decatur, Illinois, nos Estados Unidos. Líder em processamento de soja, milho, algodão, trigo e canola nos Estados Unidos e na Europa, a ADM está presente em todos os continentes, com exceção da Antártica, com escritórios e fábricas distribuídos em mais de 60 países. Esta empresa é uma das maiores exportadoras de soja do Brasil, Paraguai e Bolívia, com centenas de pontos de recebimento e armazenagem. Atualmente, a sua atuação vem crescendo na América do Sul com a expansão das atividades na Argentina, Colômbia, Peru e Venezuela. No Paraguai a ADM movimenta 40% a 45% do mercado de soja. Na Argentina a empresa tem um escritório em Buenos Aires, atuando no comércio de trigo, milho e soja. No Uruguai, opera no porto de Nueva Palmira. Na Bolívia, a ADM tem uma fábrica de processamento, refino e envasamento de soja e girassol em Santa Cruz de la Sierra. Com as operações bolivianas, a ADM exporta soja e farelo de soja para os mercados da Venezuela e da Colômbia.

De acordo com o portal corporativo (www.bunge.com.br), a Bunge, presente no Brasil desde 1905, é uma das principais empresas de agribusiness e alimentos do país, atuando de forma integrada em toda a cadeia produtiva desde a aquisição do grão até a produção de alimentos para o consumidor final. Por meio de suas subsidiárias integrais - Bunge Fertilizantes, união da Serrana, Manah, Iap e Ouro Verde, e Bunge Alimentos, união da Ceval e da Santista, produz fertilizantes e ingredientes para nutrição animal, processa e comercializa soja, trigo e outros grãos, fornece matéria-prima para a indústria de alimentos e food service, além de produzir alimentos para o consumidor final. A Bunge tem unidades industriais, silos e armazéns nas Américas do Norte e do Sul, Europa, Austrália e Índia, além de escritórios da Bunge Global Markets em vários países europeus, americanos, asiáticos e do Oriente Médio. No Brasil controla a Bunge Alimentos, a Bunge Fertilizantes e a Fertimport e mantém a Fundação Bunge.

Segundo informações contidas no portal corporativo da Cargill (www.cargil.com.br), a empresa está no Brasil desde 1965, a tem o perfil de uma empresa diversificada. Suas raízes estão ligadas ao segmento do agronegócio, mas é também uma das mais importantes indústrias de alimentos do país. Com sua matriz em São Paulo (SP), a empresa tem fábricas e escritórios em mais de 160 cidades e cerca de 6.500 funcionários. Seu faturamento anual no ano calendário de 2003 foi de aproximadamente R\$ 10,8 bilhões. A Cargill é uma empresa fornecedora internacional de alimentos, produtos agrícolas e de gerenciamento de risco. Com 105.000 funcionários em 59 países, a Cargill está comprometida em utilizar seu conhecimento e experiência para colaborar com seus clientes, auxiliando-os a serem bem sucedidos.

A Monsoy é uma empresa do grupo Monsanto para a produção e comercialização de sementes de soja. Através das mais modernas técnicas de melhoramento genético, com base num amplo banco de germoplasma elite, a Monsoy realiza um importante intercâmbio global de variedades e linhagens. Possui uma característica que a torna tolerante ao herbicida glifosato, essa tolerância faz com que o agricultor possa aplicar apenas esse herbicida sobre a soja, reduzindo seus custos de produção com a redução do número de herbicidas usados e também reduzindo o número de aplicações. Segundo pesquisador da Universidade de Federal de Viçosa, prof. Aluizio Borém,

houve uma redução de 42,3% na utilização de herbicidas seletivos no Rio Grande do Sul, entre 1999 e 2003, com o cultivo da soja transgênica. O processo logístico, nos dias atuais com o acirramento da concorrência, tornou-se um importante diferencial na definição do preço e na escolha dos consumidores.

2.5. Processo Logístico da Soja no Brasil

O escoamento da soja brasileira é feito prioritariamente pelo transporte rodoviário, ainda que este seja considerado o mais caro e apresente problemas em sua infra-estrutura. Segundo dados do Centro de Estudos em Logística da Universidade Federal do Rio de Janeiro apud Coutinho (2004), identificou-se que os produtores e as companhias brasileiras voltadas para o comércio exterior perdem cerca de 10 bilhões de dólares para levar as mercadorias até os navios, por utilizar muito mais o transporte rodoviário que apresenta problemas em sua infra-estrutura e é o meio de transporte mais caro.

A soja brasileira é escoada para o Porto de Santos e, principalmente, para o Porto de Paranaguá, pois, segundo Dalto e Saliby (2004), o Porto de Paranaguá possui liquidez para o produto vendido em pequenos volumes em qualquer época do ano. Para os outros portos, o volume a ser embarcado deve ser necessariamente elevado o suficiente para preencher o porão de um navio graneleiro, restringindo a opção do produtor, a menos que embarque com um consórcio com outros fornecedores ou que, sozinho, tenha um porte de produção significativamente avantajado.

Segundo Coutinho (2004), os caminhões chegam aos portos do Sul e encontram filas com tempo médio de espera de vinte dias. O prejuízo, geralmente, representa para o produtor um valor em torno de um milhão de dólares por navio.

As ferrovias brasileiras apresentam alto grau de deterioração e inutilização, o que faz com que os produtores não encontrem uma situação favorável para utilizá-las. Porém, não são somente as ferrovias que apresentam problemas, as hidrovias também apresentam precariedade e inutilização. Para Larrañaga (2002, p.103) “nas hidrovias há os problemas da falta de eclusas, falta de vínculos multimodais, faltam meios para navegação diurna e noturna e problemas de geografia em alguns pontos”. Por este motivo, exportadores de soja estão perdendo negócios no exterior e abandonando momentaneamente o projeto de descentralizar as exportações o que faz com que as vendas caiam e os clientes começam a reclamar dos atrasos na entrega e ameaçam buscar novos fornecedores.

O processo de comercialização de uma safra de soja por parte do produtor começa, antes do início da colheita, ou mesmo do plantio. A necessidade de compra de insumos compromete uma elevada quantia de recursos, na maioria das vezes não disponíveis. De acordo com Almeida apud Vendrame (2001), a questão do financiamento da agricultura tem sido um dos pontos de maior relevância na área de política agrícola. O centro das preocupações é a busca de novas fontes de recursos, capazes de atender às necessidades de financiamento, uma vez que o modelo, baseado nas exigibilidades, emissões de títulos e de moeda, apresenta, atualmente, pouca representatividade na política de crédito rural.

2.6. Financiamento da produção e escoamento da Soja no Brasil

Segundo Pimentel (2000) apud Dalto e Saliby (2004), existem mecanismos disponíveis para o produtor rural antecipar o volume de recursos necessários para o custeio da nova safra, uma alternativa é adquirir financiamentos com garantia de execução por meio do aval de um banco, comprometendo parte de sua colheita, algo em torno de 50% a 70% da receita.

Uma possibilidade oferecida pelo Banco do Brasil como financiamento ao agronegócio é o ACC que consiste na antecipação da entrega de reais, do valor correspondentes à exportação, ao exportador, antes do embarque da mercadoria. O Banco do Brasil (2005) diz que essa modalidade

tem a finalidade de proporcionar ao exportador recursos antecipados, para que esse possa arcar com as despesas decorrentes do processo de produção da mercadoria a ser vendida ao exterior.

Segundo Hartung (2002), difere-se do ACC porque consiste na entrega de reais, do valor da exportação, ao exportador, após o embarque da mercadoria e entrega dos documentos deve ser feita no momento de sua contratação.

Outro tipo de financiamento oferecido ao produtor é o ACE que o Banco do Brasil (2005) diz que esse mecanismo tem a finalidade de proporcionar ao exportador recursos antecipados para que ele possa arcar com as despesas de comercialização da mercadoria a ser vendida no exterior. O ACE financia até 100% do valor do contrato de câmbio, mas financia somente bens.

Um outro tipo de financiamento oferecido diretamente para o produtor pelo Banco do Brasil é o ACC Rural que, segundo o Banco do Brasil (2005), consiste no adiantamento em moeda nacional ao exportador, por conta de recebimento futuro da moeda estrangeira equivalente, só que difere do ACC comum pelo fato de ter o CPR – Cédula do Produtor Rural avalizada pelo Banco do Brasil – como garantia. A CPR é um título cambial, negociável no mercado, e que permite ao produtor rural ou suas cooperativas comercializarem antecipadamente a produção com vistas a obtenção de recursos para o empreendimento agropecuário.

Por ser um instrumento de mercado, a CPR apresenta particularidades, onde fatores como taxa de remuneração do capital pelo mercado financeiro e preços futuros do produto sinalizado em bolsas, influenciam na formação do preço desta. O levantamento do deságio do preço a ser fixado para o produto na CPR em relação a um preço futuro sinalizado levará o produtor a identificar seu real custo em utilizar a CPR como alternativa de financiamento (VENDRAME, 2001).

Segundo Hartung (2002), ainda existe outro tipo de financiamento disponibilizado ao produtor rural que é o Pré – Pagamento de Exportação, ainda que não seja muito utilizado no agronegócio, esta é a modalidade de financiamento ao exportador, na fase pré- embarque da mercadoria, com recursos oferecidos pelo próprio importador. O Pré – Pagamento ocorre quando o exportador recebe o pedido de sua produção e não possui capital de giro para produzir, assim, ele encontra várias alternativas de financiamento mas opta pelo pré – pagamento onde ele efetua contatos como importador solicitando o pagamento antecipado.

3. Procedimentos Metodológicos

Segundo Pinsonneault & Kraemer (1993) quanto ao seu propósito este trabalho consiste em uma pesquisa exploratória por ter o objetivo de familiarizar-se com o financiamento à produção e escoamento da soja ou identificar os conceitos iniciais sobre ele, além de dar ênfase na determinação de quais conceitos devem ser considerados, buscar descobrir novas possibilidades e dimensões deste mercado. Também pode ser considerada uma pesquisa descritiva, porque busca identificar quais situações, eventos, atitudes ou opiniões estão manifestos nos representantes da cadeia produtiva de soja no Brasil.

Quanto ao número de momentos ou pontos no tempo em que os dados são coletados, a pesquisa é, segundo Sampieri et alii (1991), um corte-transversal (*cross-sectional*), uma vez que a coleta dos dados ocorre em um só momento, pretendendo descrever e analisar o estado de uma ou várias variáveis em um dado momento.

A pesquisa é qualitativa, com amostragem não-probabilística e por conveniência, tendo sido selecionados para a realização de entrevistas em profundidade, profissionais com amplo conhecimento do assunto, e de fácil acesso pelos pesquisadores. O instrumento de pesquisa foi um roteiro de entrevista pessoal semi estruturado ou entrevista semi-aberta. Assim, o trabalho em questão é uma pesquisa exploratória, qualitativa, do ponto de vista do Banco do Brasil; baseada em pesquisa bibliográfica e em pesquisa de campo, por meio de entrevistas em profundidade, realizadas

no 1º semestre de 2005, com dois Gerentes de Negócios Internacionais do Banco do Brasil, com o Gerente de Contas de Banco do Brasil de Araçatuba e com dois produtores de soja da região do Mato Grosso; as entrevistas em profundidades foram gravadas e transcritas; e por e-mail no caso da Cooperativa Granol - um dos maiores complexos de agronegócios genuinamente brasileiro.

4. Resultados e Discussão

Através do estudo da cadeia produtiva da soja e sua logística, e focando o apoio do Governo Federal através do Banco do Brasil nessa cadeia produtiva foi elaborado o desenho da cadeia logística interna da soja, conforme a figura 1, que foi utilizada como base para a pesquisa de campo com as entrevistas juntamente com o Referencial Teórico, analisando-se que o Banco do Brasil oferece vários tipos e possibilidades de financiamento tanto da produção até a comercialização de soja dentro de sua cadeia produtiva. Um dos tipos de financiamento mais evidenciado e ressaltado ao longo da pesquisa é o ACC comum (Adiantamento do Contrato de Câmbio) que consiste na antecipação da entrega de reais ao exportador, antes do embarque da mercadoria.

Existe a possibilidade do produtor de soja fazer o financiamento ACC Rural que também significa o adiantamento da entrega de reais, do valor correspondente à exportação, ao produtor só que com a CPR (Cédula do Produtor Rural) como garantia, mas muitos produtores conhecem mas ainda não o utilizaram, sendo este o tipo de financiamento mais adequado a um produtor, uma vez que a CPR pode ser utilizada na produção ou mesmo no armazenamento e no transporte, o que envolve, praticamente, toda a cadeia produtiva da soja.

Um outro tipo de financiamento disponibilizado pelo Banco do Brasil ao produtor de soja é através do Sistema BNDES/Finame Rural que contém programas agrícolas direcionados, como o Moderfrota, Moderagro, Prodefruta, entre outros.. Os financiamentos do BNDES são muito difíceis de saírem pela alta burocracia e pela pouca disponibilidade de recursos ao agronegócio, assim, poucos produtores conseguem se beneficiar destes programas.

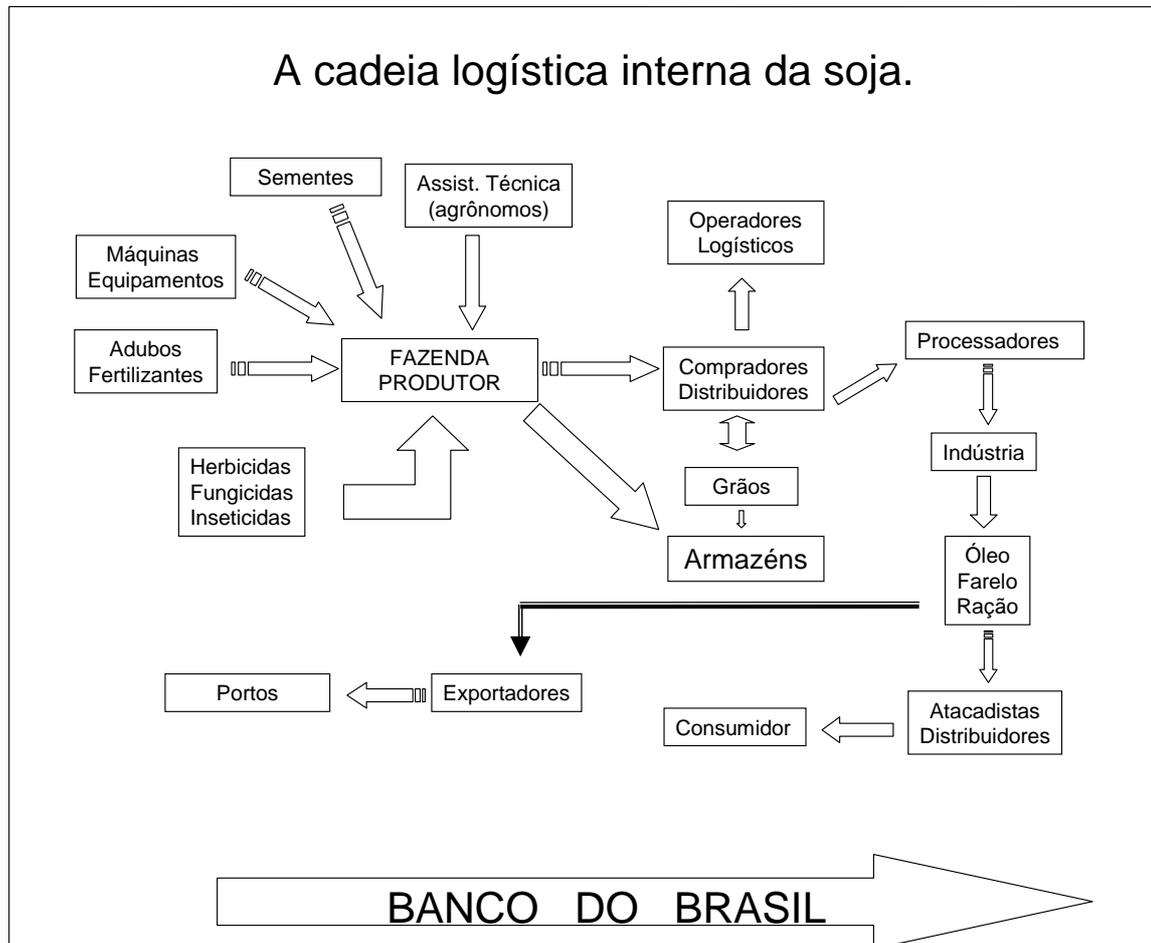


Figura 1: A Cadeia logística interna da Soja

Fonte: Resultados da pesquisa. Elaborado pelos autores.

Com base nas entrevistas feitas com os dois Gerentes de Negócios Internacionais do Banco do Brasil, o Gerente de Contas da cidade de Araçatuba, o Gerente de Exportação da Cooperativa Granol, com dois produtores de soja da região do Mato Grosso e com base no Referencial Teórico, foi possível identificar 5 variáveis, são elas: Financiamento dos Bancos ao Agronegócio, Mercado de Soja no Mundo, Mercado de Soja no Brasil, Apoio do Banco à Logística e Infra-Estrutura Brasileira e Cooperativa de Soja no Brasil.

Quanto à variável Financiamento dos Bancos ao Agronegócio foi possível observar que todos os entrevistados conhece algum tipo de financiamento que o Banco do Brasil oferece para que o produtor de soja financie sua produção ou comercialização. Foi possível observar que os gerentes entrevistados estão de acordo que o Banco do Brasil oferece vários tipos de financiamentos ao agronegócio e disponibiliza uma grande quantidade de recursos para financia-lo, mas o Gerente da Cooperativa entrevistado e os produtores não conhecem todos os tipos de financiamento e oportunidades disponibilizados para eles.

Um dos Gerente de Negócios Internacionais está de acordo que nas operações financeiras por parte do Banco do Brasil, não se trata todas as operações da mesma forma, pois os custos operacionais são diferentes e, conseqüentemente o lucro do Banco do Brasil ou de qualquer outro

banco é diferente e depende da quantidade de recursos aplicados, assim, é possível observar que, em qualquer lugar do mundo, em qualquer banco do mundo uma operação de grande valor é tratada de forma diferente do que uma operação de pequeno valor, pois o mundo de hoje é capitalista e nessas condições quem tem as informações necessárias para obter vantagens é quem tem uma grande disponibilidade de recursos e grande possibilidade de arcar com suas dívidas diante dos olhos do mundo.

De acordo com o que foi analisado nas entrevistas com os dois gerentes de negociações internacionais do Banco do Brasil, a produção da soja brasileira comparada com a do mundo é muito competitiva, mas acaba perdendo a competitividade em vários aspectos, um dos aspectos citados pelo entrevistado é a falta de um sistema de seguro de crédito às exportações, presentes em muitos países desenvolvidos como Estados Unidos, França, Japão, entre outros.

Já o Brasil não tem este sistema ligado diretamente ao governo brasileiro, que de certa forma acaba perdendo competitividade, frente a países que oferecem um sistema de seguro de crédito às exportações, à juros baixos e mais vantajosos, um incentivo do próprio país a exportar. O Brasil, por possuir um grau de risco superior a de países desenvolvidos, só consegue captar recursos a juros altos, um dos fatores prejudiciais na competitividade da soja no mundo.

Com relação aos entrevistados entre eles produtores e gerentes do Banco do Brasil, foi possível analisar uma realidade brasileira, o desconhecimento por parte dos produtores das linhas de financiamento, uns por serem muito conservadores e preferir usar apenas seus próprios recursos, mesmo sendo estes insuficientes para uma grande produção, impedindo os mesmos de crescer seu volume exportado; há os que utilizam financiamentos inadequados para uma determinada operação, prejudicando assim a competitividade da soja brasileira.

Um outro ponto que foi observado, foi de um mesmo gerente abordar um grande mercado em crescimento e no fim da entrevista levantar certos pontos importantes como a elevação dos custos de insumos, e a queda do preço da saca da soja, se contradizendo neste ponto da entrevista. No ponto de vista dos autores o mercado da soja no Brasil, é um mercado que está em constante crescimento, principalmente pela alta tecnologia e investimentos na produção, uma ameaça para este setor é a falta de conhecimento dos produtores internos aos tipos de financiamento, e a falta de investimentos por parte do governo federal na infra-estrutura dos portos e dos modais de transporte, ameaçando assim a competitividade brasileira da soja.

Foi analisado que os tipos de financiamentos oferecidos pelo Banco do Brasil ao transporte é através do BNDES/FINAME, mas este tipo de financiamento é de difícil acesso, pois o BNDES financia projetos de empresas de grande porte e necessita ser analisado para ser disponibilizado, pois seus recursos disponíveis são restritos chegando a 4 milhões de dólares, muito pouco comparado aos recursos disponíveis em países desenvolvidos.

O ACC-Rural que tem como garantia a CPR é uma outra linha de financiamento muito utilizada para aquisição de insumos, fertilizantes e sementes, mas pode ser utilizada para financiar o transporte, mesmo este não sendo sua especialidade.

Na infra-estrutura brasileira é possível observar que esta, em sua maior parte, encontra-se sucateada pela falta de investimentos do governo que não disponibiliza recursos para que haja uma melhoria das estradas, de todos os modais de transporte e dos portos, para que sua melhoria torne-se um meio de competitividade do agronegócio.

De acordo com os gerentes do Banco do Brasil, os pequenos produtores, se unem em cooperativas para adquirir vantagens competitivas, frente a grandes empresas comercializadoras de soja, como captação de recursos no exterior a preço mais competitivo e menos burocrático, ou até a aquisição de insumos a preços inferiores.

Mas ao contrário das cooperativas que visam a economia brasileira, o gerente entrevistado abordou a questão das *Trades Companies*, onde o pequeno produtor acaba vendendo sua soja para intermediários devido a carência de recursos, onde normalmente são multinacionais, enviando parte destes recursos brasileiros para o exterior.

Na opinião dos autores as cooperativas são uma boa alternativa para os produtores de soja, pois através das mesmas se pode levantar recursos para melhorar a infra-estrutura dos portos, como a aquisição de silos por cooperativas, adquirir insumos a preços inferiores e até mesmo captar recursos no exterior com maior facilidade a juros menores.

5. Conclusão

A presente pesquisa teve por objetivo descrever a cadeia produtiva da soja brasileira, focando a logística e o apoio do Governo Federal através do Banco do Brasil; a fim de proporcionar o levantamento de informações, barreiras e possibilidades que levam o produtor de soja brasileiro a ser competitivo na produção, mas pouco competitivo no momento do escoamento e comercialização da soja. Durante o levantamento e coleta de dados e informações, foi possível descobrir que o assunto soja é atual e muito discutido por diversos autores que vêm nesse tipo de produção o futuro do país.

A perda de competitividade da soja brasileira no momento em que ela sai da fazenda para ser escoada e comercializada foi a questão chave desta pesquisa que, através do levantamento de dados, foi possível identificar que muitas são as barreiras encontradas pelo produtor, desde a falta de silos, a falta de infra-estrutura dos sistemas rodoviário, ferroviário e dos portos que não conseguem suportar tamanha produção; a falta de opções de escoamento até a falta de recursos para o financiamento da produção, ou mesmo a falta de informações pelos produtores dos tipos de financiamento que eles podem se beneficiar para a sua produção.

Foi perceptível que quando ocorre o apoio financeiro do Governo Federal através do Banco do Brasil em qualquer elo da cadeia produtiva do agronegócio da soja, o produtor ou exportador desta *commodity* consegue eliminar diversas barreiras que impossibilitavam a sua concorrência neste mercado. Diante desse fator, é visto que o apoio financeiro do Banco do Brasil à produção, escoamento e comercialização da soja é o ponto-chave para que a mesma consiga ser competitiva.

O Banco do Brasil auxilia todos os elos da cadeia produtiva da soja de forma direta ou indireta, ou seja, auxilia de forma direta a produção com os diversos tipos de financiamento disponibilizados para o produtor e para a importação de fertilizantes e outros insumos, o escoamento com os financiamentos à compra de meios de transporte para levar a soja até o seu destino e auxilia a sua comercialização com os financiamentos à exportação e à comercialização interna. De forma indireta, o Banco do Brasil atua na melhoria da infra-estrutura brasileira indicando ao Governo Federal empresas especializadas para atuarem neste setor e atua no transporte e armazenamento da soja fazendo convênios com empresas especializadas e diminuindo, assim, os custos para o produtor.

O apoio do Banco do Brasil à soja é conhecido por diversos produtores e exportadores que já utilizaram e continuam utilizando esses serviços e estão satisfeitos, porém existem muitos agentes da cadeia que ainda não conhecem este tipo de apoio e, por isso, nunca o utilizaram. Foi estudado que essa falta de informação dos produtores e exportadores, também, é uma falha do próprio Banco do Brasil que ainda possui colaboradores que não estão informados sobre os tipos de apoio que existem ao agronegócio e não conseguem passar essas informações a outros.

Para futuros trabalhos que queiram dar continuação a este ou partir de algum ponto abordado nesta pesquisa, sugere-se que seja feito um levantamento da possibilidade de efetuarem,

sem barreiras, a pesquisa prática para a comprovação do referencial teórico ou mesmo concentrar em algum ponto da cadeia produtiva da soja sem abordar profundamente os demais.

6. Referências Bibliográficas

ABIOVE -Associação Brasileira das Indústrias e Óleos Vegetais. Portal Corporativo <<http://www.abiove.com.br/export.html>>. Atualizado em: 25/10/2004. Acesso em: 10/10/2004

AGRONEGÓCIO-E. Portal Corporativo. <www.agronegocios-e.com.br>. Acesso 07/10/2004

AZEVEDO, Paulo Furquim de. Comercialização de Produtos Agroindustriais. In: BATALHA, M. O. (Org.). **Gestão Agroindustrial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001. P. 64 – 99.

BANCO DO BRASIL e parcerias apóiam a inserção internacional das empresas brasileiras. In: **Comércio Exterior Informe BB**, n.49, 2003, Edição Especial.

BALLOU, Ronald H.. **Logística Empresarial: transportes, administração de materiais e distribuição física**. São Paulo: Atlas, 1993.

BATALHA, M. O; SILVA, Andréa L. da. Gerenciamento de Sistemas Agroindustriais: Definições e Correntes Metodológicas. In: BATALHA, M. O. (Org.). **Gestão Agroindustrial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001. P. 23 – 63.

BRASIL FERROVIAS. Portal Corporativo.<www.brasilferrovias.com.br>. Acesso em: 15 /10/2004

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB. Portal Corporativo <<http://www.conab.gov.br/download/indicadores/0204-export-complexo-soja-e-trigo.pdf>>. Acesso em: 15/05/2005

COUTINHO, Leonardo. Os nós no meio do caminho – Da porteira ao porto. **Revista Veja**. São Paulo: Editora Abril, ano 37, n.36, p. 60-65, 2004. Edição especial.

DALTO,E.J.Saliby,E. **Modelo de Simulação para Auxiliar o Produtor Brasileiro de Soja na Elaboração de Estratégia Financeira e Logística de Comercialização de uma Safra do Produto a Granel**. São Paulo, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa séc. XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

EMBRAPA -Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. <<http://www.cnpso.embrapa.br/producaosoja/SojanoBrasil.htm>>. Acesso em: 11/11/2004.

GRANOL. Portal Corporativo. <<http://www.granol.com.br/>> Acesso em: 20/04/2005

HARTUNG, Douglas S.. **Negócios Internacionais**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

LARRAÑAGA, Felix A. **Desenvolvimento Econômico no Cone Sul**. São Paulo: Aduaneiras , 2002.

MDIC - Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior.
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: 11/11/2004

MT Ministério dos Transportes – Governo Federal. <<http://www.transportes.gov.br/>>. Acesso em: 20/09/2004

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebocas de. **Manual de Gestão das Cooperativas. Uma abordagem prática.** 1. ed.. São Paulo: Atlas, 2001.

SILVA, Andréa L. da; BATALHA, M. O. Marketing Estratégico Aplicado ao Agronegócio. In: BATALHA, M. O. (Org.). **Gestão Agroindustrial.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001. P. 100 – 161.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebocas de. **Manual de Gestão das Cooperativas. Uma abordagem prática.** 1. ed.. São Paulo: Atlas, 2001.

SILVA, Andréa L. da; BATALHA, M. O. Marketing Estratégico Aplicado ao Agronegócio. In: BATALHA, M. O. (Org.). **Gestão Agroindustrial.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001. P. 100 – 161.

USDA – United States Department of Agriculture, Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. <<http://www.usda.com/>>. Acesso em: 20/04/2005

VALE DO RIO DOCE. Companhia Vale do Rio Doce. <<http://www.cvrld.com.br/>>. Acesso em: 26/08/2004

VENDRAME, Jefferson Marcos. **Cédula de Produto Rural – CPR como alternativa de financiamento na cultura da soja.** 2001, 120p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.